Artefactum
Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

PERFORMANCES DE UM CORPO INFAME: DANÇA E CULTURA

Paulo Petronilio
ppetronilio@uol.com.br
(http://lattes.cnpq.br/1801687030702050)

RESUMO

O objetivo é fazer uma cartografia esquizo acerca da inseparável trança existente entre corpo, linguagem e cultura no campo da performance. Como se sabe, o corpo em todas as suas dimensões dramatiza e espetaculariza um *ethos* e uma visão de mundo a partir dos vários signos que ele emite. Algo não pode ser deixado de lado: o corpo é linguagem e perpassa a trama da cultura em sua espacialidade e temporalidade. Ele é construído pelo imaginário que é a linguagem. Para tentar dar conta desse corpo infame, debruçar-me-ei a partir da reflexão de Michel Foucault (2006), especificamente em seu ensaio de 1977, intitulado "A Vida dos Homens Infames". Essa trilogia ajuda-nos a problematizar e potencializar os discursos acerca do dispositivo do corpo-vida em suas dimensões que abarcam as éticas e as estéticas da existência.

Palavras-chave: corpo; linguagem; performance; cultura; dança

1. Introdução

O que me leva a falar/dizer/pensar um corpo infame parte de uma experimentação e inspiração foucaultiana em seu pequeno e genial ensaio escrito em 1977, "A Vida dos Homens Infames". Foucault não demora em nos dizer do que se trata: "É uma antologia das existências. São vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos" (FOUCAULT, 2006, pg.2013). Ao problematizar as estéticas da existência, o pensador cria dispositivos para pensar as linhas de uma vida com suas aventuras e desventuras no coração da imanência. Essas vidas sem nome que duplicam a si mesmas e se envolvem numa atividade plástica é a vida imanente, signo da diferença. Um corpo infame atua na linguagem pois essa sempre foi a soberana do homem.

A cultura é o lugar em que o corpo instala e instaura modos de vida e processos de subjetivação. O corpo infame encontra a gênese do ato de pensar nas formas do poder e do saber. É dessa vida-imanência que Foucault (2010) propõe articular "o ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele e concentram". Acrescenta-nos o pensador da *Microfísica do poder:* "Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações".(FOUCAULT, 2010, pg.132). Para Foucault, o corpo, em qualquer

sociedade está preso na malha do poder que impõe ao próprio corpo certas limitações, proibições e obrigações. A escola, por exemplo, é o lugar por excelência do controle que vigia e pune o corpo ao mesmo tempo. Com isso, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o desarticula e o recompõe e esquadrinha, vigia ao mesmo tempo que pune os corpos, disciplinando-os. Desse modo, pensar a cultura e os processos de subjetivação a partir do corpo é inseri-lo em sua malha cultural já que ele é construído pela cultura e pela linguagem. É em torno desse discurso sobre as vidas que Foucault assinala a vida infame:

> Vidas que são como se não tivesse existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis se não, aniquilá-las ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis aqui juntar alguns restos" (FOUCAULT, 2006, pg.210).

De tradição Nietzschiana, Foucault assume a vida como traço fundamental de tudo que é e de tudo o que existe. A vida para Nietzsche é vontade de potência. Foucault denuncia a vida lá onde ela é prisioneira de si mesma. Este corpo preso. Para Deleuze, é puro devir e expressão do "Fora". Para Foucault, a vida é cheia de dobras, pregas e movimentos peristálticos. Foucault foi quem soube duplicar a vida ao infinito e, junto com ela, o corpo. Acentua José Gil: "Neste sentido, o corpo não fala, faz falar. Mas sendo ele próprio articulado, fornece à linguagem uma língua virtual e muda, uma estrutura potencial que permite passar do nível do significado ao nível dos significantes" (GIL, 1997, pg.35). No entanto, ao pensar as metamorfoses e devires do corpo, o autor esclarece-nos que se enfrenta várias resistências ao tentarmos discutir a natureza do corpo. Mas, de todo modo, enfrentar é se colocar a caminho da problematização do corpo e evidenciar a natureza complexa da linguagem. Tal resistência não deixa de nos revelar que o corpo é uma descoberta recente. O homem ou performer que usa o corpo como arte não deixa de lutar a todo instante com seus demônios. O maior deles é o demônio da criação. O corpo é este espaço demoníaco que nos permite fazer complexos movimentos para fora e para dentro, de entradas e saídas através de pequenos gestos. Os gestos são performativos, como um evento, um acontecimento que nunca se repete. Cada corpo representa e multiplica inéditos sinais no mundo. Isso porque ele desde sempre já está no mundo e faz parte dessa representação que é o mundo. Cada corpo é um mundo e cada um inventa mundos possíveis.

É animado com este exercício de sensibilidade e pactuado com a noção de que há uma invenção do corpo que David Le Breton assinala: "O homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua saúde potencial. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si." (LE BRETON, 2013, pg.30). A partir daí o autor, ao dá "adeus ao corpo" e nos revelar que o indivíduo ao mudar a sua vida e seu sentimento de identidade, quer, no fundo, opera uma mudança no seu corpo. Surge no sujeito a vontade de mudar o seu olhar sobre si e o olhar dos outros para que possa existir em sua plenitude enquanto corpo. É dessa forma que o homem contemporâneo é convidado a construir para si o seu corpo. O corpo se fabrica. O corpo é o *topos*, o lugar por excelência em que o sujeito se transforma em drama existencial. De artista o homem se transformou em obra de arte por que ele tem um corpo

que vê e é visto e que oscila entre o visível e o invisível. Corpo é linguagem, é poder, é saber, é signo, é rizoma. É drama e meta teatro. Ao mesmo tempo é uno e múltiplo. Corpo-máquina-de-guerra que é pura subjetividade plural e polifônica.

O corpo em todas as suas esferas dramatiza visões de mundo, encena o caos e o cosmo. "A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários" (GUATTARI, 1992, pg.153). É desse modo que o pensador de caosmose aponta-nos um novo paradigma estético, pois pensar o corpo significa pensar suas implicações ético políticas. Significa pensar a instância criadora em relação à coisa criada. O corpo instaura o caos e subverte a ordem. Ele duplica sobre si mesmo formando dobras sobre dobras criando espaços imaginários. Todo corpo é uma viagem, é um delírio, pois é capaz de nos arrastar para fora dos sulcos costumeiros da vida. Quando dança ou quando se movimenta o corpo emite uma multiplicidade de signos. Ele se afirma na sua unidade e seu surpreendente pluralismo. O corpo como obra de arte tem o poder nos afetar e sermos afetados por outros corpos, pois eles se prendem a múltiplas éticas e múltiplas estéticas da existência. O corpo existe por que ele ek-siste, ou seja, ele se projeta para além de si mesmo. O homem quando nasce, ele se joga no mundo por que ele tem o corpo, o espaço e o tempo que são construídos e limitados pelo corpo. O corpo sente a necessidade de se jogar nas possibilidades do mundo. O corpo é mundano por excelência, pois já nasce gozando da mundanidade e das coisas deste mundo. Daí a expressão "se joga", ou seja, se permita, corpo. O corpo se joga por que ele é do jogo do mundo e ele veio para jogar e ser jogado no mundo da vida.

1.1 O corpo é performance

O corpo é performance. Para levar essa ideia a diante parto de duas premissas: o corpo é algo fabricado e ritualisticamente desenhado pelo saber da cultura em que está inserido. É ritualístico porque o corpo é ritual assim como este é performance. O corpo ritualiza ao narrar o vivido e ao mesmo tempo vive o narrado. O corpo narra gestos que são acompanhados de percepções e sensações múltiplas. A performance exige uma coordenada semiótica cujos signos são sempre plurais e há neles um *continnum*, pois sempre um signo remete a outro. A outra premissa é a de que todo corpo é, a um só tempo, espetáculo e ritual. Colocando em miúdos, é espetáculo por que ele é uma obra de arte uma vez que a roupa, o adorno e o enfeite fazem dele um corpo-arte e este é exprimido dentro de uma cultura, de uma tribo, de uma construção. É ritual por marcar a todo instante ritos de passagens que marcam cruzamentos de vida e morte, de começo e de fim. O corpo é algo que morre a todo instante e, por isso ele celebra a vida. Corpo é espaço por excelência da vida-morte. Dessa maneira, o copo é um acontecimento no coração da performance.

O corpo é a vida da performance assim como o ritual é a potência e o motor da performance. Essa não é uma regra que tange a este ou aquele corpo em especial e muito menos uma premissa para se chegar a uma conclusão lógica e racional. Não se trata de um axioma, uma lei universal que cabe a todo corpo e toda natureza que se veste e traveste de um corpo, como se "todo homem fosse mortal". O corpo é uma construção cultural e subjetiva. Isso é inevitável e

carrega em si certa obviedade. Precisamos avançar. Insere-se numa topologia. Colocamos em miúdos: o corpo é espetáculo por que ele é visto, ele se mostra no mundo da vida. Ele é lido, decifrado e interpretado a partir de uma multiplicidade de signos que ele emite. O corpo é um complexo texto e, como tal, ligado à trama do mundo. É espetáculo por que perpassa a linguagem e anuncia potências desterritorializadoras através do gesto, dos sons, das palavras, dos ruídos, das afetações, das percepções, das sensações. É ritual por que em cada tempo, em cada agora inicia um "aqui e agora". O tempo do corpo se inscreve a partir de uma complexidade existencial. O corpo está aí, jogado no mundo e aberto às possibilidades de experimentá-lo. O corpo experimenta o mundo se jogando nele, fervendo com ele, encantando e desencantando com ele. Ele já faz parte de uma teia de relações biológicas, culturais, linguísticas e sociais. Desde os ritos mais banais a uma complexa festa os corpos são celebrados e vivem uma espécie de segunda vida. O corpo é um espetáculo por que ali está o ritual sendo dramatizado ritualisticamente no tempo e no espaço formando uma complexidade que é o fenômeno cultural.

Não se trata aqui de definir o que é corpo, movimento ou gesto. Longe disso. Como poderia explicar o corpo inserido nele, ou como poderia explicar o movimento já em devir? Mais que isso, trata-se de criar uma circunstância, uma ocasião para colocarmos em miúdos novos abismos e abrirmos novas fendas para o caos. Trata-se de disparar o pensamento e criar incógnitas e possibilidades para pensar o corpo como um complexo agenciamento cultural, existencial e "ontológico". Por mais que desde já habitamos um corpo e operamos nele, mesmo assim não respondemos à pergunta o que é um corpo? Quem somos nós enquanto corpo? O que faz um corpo e que signos emitem? O que podemos é mapear, cartografar, ensaiar, assinalar, dar um sinal do que poderia vir a ser a complexa semântica que é um corpo. Traçar linhas e geografias do corpo implica em pensar um território. Um território que está à deriva. O corpo se experimenta e experimenta o mundo de fora. O corpo é usado. Por isso se cuida do corpo: para usá-lo, gastá-lo, torcê-lo e reinventá-lo. Todo corpo é uma viagem. É um delírio. Quando se olha para o corpo, não se olha para a pessoa, pois o corpo é o impessoal, uma máxima. É um espetáculo não porque se enfeita ou dança, mas por que, já inscrito no mundo da vida, é ele síntese que une o caos e o kosmo. O corpo existe no aqui e no agora e graças a essa lei, é sempre inédito no mundo. Cada corpo se inscreve em regimes de signos e subjetivações, pois ele é sempre e a todo instante um traço indelével da cultura em que está inserido e o traço da pessoa, *persona*, a máscara de cada um. O corpo é fabricado, é criado, é montado e, com isso se apresenta no mundo, se diz, mundo. Trata-se de uma potência de metamorfose. Como Gregor, personagem de Kafka, este corpo se metamorfoseia, entra em devires. Quando deitado na cama e acordado de sonos intranquilos, o personagem se vê metamosfoseado em um gigantesco inseto.

Na performance a linguagem permite uma rachadura complexa de afectos e perceptos formando um corpo que dança, uiva, pia, grita e, com isso forma um corpo múltiplo, polifônico e híbrido. Ao acordar de sonos intranquilos Gregor, personagem da *Metamorfose* de Kafka debate sobre seu próprio corpo, sentindo-se estranho, pois é este corpo estranho que ruiva na maquina

literária. O personagem de Kafka é um corpo sem órgãos que debate consigo mesmo e entra num devir-nimal. O corpo de Gregor se transforma numa potência desterritorializadora. *Metamorfose* é uma performance do corpo que choca, espanta, caotiza e embaralha as familiaridades do pensamento. A performance é toda uma coordenada semiótica, política, ética e estética que se desenha no corpo e no imaginário. O corpo como uma onda vibratória transforma-se numa potente máquina em devir, pois é um território que se desterritorializa e reterritorializa no gesto, no movimento. Como a força do caos, o corpo possui certa plasticidade em que se reúne uma multiplicidade. É o corpo o pensador e o espaço dos afectos e dos perceptos. Através do corpo extraímos os afectos das afecções, os perceptos das percepções. Existe todo um jogo estético e plástico que povoa o corpo enquanto dança. A loba é um corpo sem órgãos por que é pura imanência e puro devir marcado por um certo desejo. Uivar é um violeto signo desteritorializante.

O homem como um ser jogado no mundo empresta seu corpo à vida, assim como, ao pintar, o pintor empresta seu corpo à pintura: "visível e móvel meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa" (PONTY, 2004, pg.17). Escrever é deixar as marcas do corpo impregnada na escrita. O corpo não se separa do complexo tecido do mundo. Um corpo informe no seu devir criança, devir-mulher, devir-animal, devir vegetal. O corpo entra em devires intensos até o imperceptível. Não é o corpo que fala, mas é a linguagem como signo e como soberana do homem que diz corpo. Quando o bailarino dança, emprega seu corpo que esfacela na fissura do movimento, na brecha, no intervalo e no gesto que é a linguagem inédita no mundo. Só existe performance porque existe palavra, linguagem, som, silêncio, não dito, indizível, impensado, folha em branco, dobras. A performance antecipa pensamento e ação e se declara suficiente. O corpo em performance chega no grau zero de si mesmo. Isso significa que o corpo se transforma no complexo e prodigioso emissor de signos. A loba é a potência do corpo em devir. Assim como nos terreiros o corpo se metamorfoseia e entra em devires. O corpo é o espaço do múltiplo, do plural.

O corpo que dança, uiva, berra, pia, se movimenta é o corpo próprio, corpo-vida, corpo-lazer, como máquina desejante que opera sempre entre fluxos e cortes permanentes. Corpo desastre e trágico porque celebra a vida em cada rodopio e lance de dados. Corpo- transe, corpo-caos. Corpo que se transfigura e anuncia, através da dança, o mundo por vir. A dança é a potência e o grau zero do corpo sem órgãos. Ter experiência-limite com o corpo é experimentar o desastre. De que forma o corpo experimenta o desastre? O corpo- desastre acontece em um plano de imanência. O corpo-desastre desterritorializa e caotiza o pensamento. É dessa forma que a performance é uma potência do desastre pois tem a gênese do ato de pensar no pensamento. O gesto parte de uma retomada e acelera uma repetição que produz a diferença. O corpo é o simulacro da diferença pois é síntese disjuntiva e produz um *continuum* amorfo de signos e multiplicidades. O movimento é o caos pelo qual o corpo se expressa como arte, *ethos* e visão de mundo. O movimento é, a um só tempo, singular e universal, princípio da existência genérica e individualizada. Uno e múltiplo. O corpo é a individuação. O corpo é o único espaço que desfaz o sujeito, desloca-o e o destrói. O corpo como

multiplicidade e signo em devir é um processo. Corpo é, como a arte, silêncio. A performance como potência desterritorializadora e um corpo sem órgãos deixa uma marca que é o devir- animal, pois este corpo cria espaços para a vida em sua crueldade. Torna-se o invólucro de um espaço infinito contendo em si todas as virtualidades. Problematizar a arte é por fim de vez ao juízo de Deus. Corpo e movimento se acoplam em um golpe de vento, formando um complexo entrelaçamento.

1.2 A arte de afetar e ser afetado pelo corpo

O corpo infame é afetado pela vida dos homens infames. Um corpo infame vive de fendas, brechas, articulações, fissuras, entre lugares, possibilidades. O corpo infame não se classifica porque não se enquadra em nenhuma lei, em nenhum paradigma. Trata-se mais de um corpo louco, um corpo que não aspira ao centro. Um corpo marginal que visualiza uma terceira margem de si mesmo que ainda não foi pensada. Ele é feito de dobras, movimentos peristálticos, subjetivações, topografias e extratos. O corpo infame se revela enquanto potência do fora, pois nega a fixidez da representação, a retidão do pensamento e apela para uma certa plasticidade e para uma nova geografia. O corpo infame é um acontecimento na ordem do impessoal, do corpo sem órgãos, do fluxo e do devir. Ter um corpo é estar fora dos cânones, pois o corpo existe na e pelo fora. O corpo acontece por que ele é a um só tempo, uma polifonia, uma ópera bufa, é dança. Um corpo infame é devasso, pois não é, nunca foi e nunca será. O corpo infame é um evento semiótico e complexo que dá o que pensar. O corpo alcança a gênese do ato de pensar no pensamento. Corpo não se separa do pensamento. Cada corpo dramatiza e espetaculariza uma multiplicidade de signos. O corpo do infame é nômade e desterritorializado. É corpo múltiplo é sem entrada e sem saída. É um corpo informe e em devir. O corpo é inscrito em uma discursividade formando um quiasma, um entrelaçamento com o mundo. O mundo é um conjunto de sintomas recebidos pelo corpo e cada corpo é a representação de um mundo que se desdobra em uma multiplicidade de mundos. O corpo é o espaço em que se dramatiza uma *ethos* e uma visão de mundo. O corpo é adornado, enfeitado, pintado e celebrado por que quer ser visto e desejado. O corpo é uma máquina desejante. Nas religiões de matrizes africanas, é todo o corpo uma sonata, uma ópera ligada ao ritual. É no corpo que o santo desce e faz do seu filho de santo seu 'duplo monstruoso' privilegiado. É no corpo que o santo cavalga e o filho se transforma em cavalo de santo. Dançando, o dançarino revela uma segunda vida, estranha a si mesmo. O corpo é um fenômeno cultural e social. Mais que isso, é existencial e "ontológico". O corpo como traço da cultura revela uma multiplicidade de signos e dobras múltiplas. É o corpo atado a todo um processo de subjetivação que se desenha na complexidade da cultura. Filho de santo e Orixá se confundem num golpe de vento, embaralhando e confundindo as identidades. A pessoa se perde no seu Orixá, no seu duplo, em sua máscara, pois cada deus dança e performatiza uma coreografia que lhe é própria. Cada corpo de cada Orixá encena uma mitologia, uma história e uma geografia constantemente agitadas. O corpo é o lugar do acontecimento da performance. Cada gesto e cada dança desenha e fotografa, mapeia e cartografa a identidade e a singularidade de cada

pessoa. O corpo existe porque é preso a coordenadas semióticas e forma um *continnum.* O corpo é um teatro que se duplica ao infinito. O corpo é um ritual na medida em que ritualiza o cotidiano. Nas boates os corpos que dançam entram em êxtase, em transe. Ele se transfigura e instaura o caos pois a música tem este poder de metamorfosear os corpos. A figura do gogoboy é exemplo dessa linha de feitiçaria que afeta outros corpos, pois é virilidade, signo da masculinidade que dramatiza e encena seu corpo. O seu próprio corpo é um teatro e ao mesmo tempo espetáculo, pois é tido como um semideus, cultuado, desejado e adorado. O corpo do gogoboy emite fluxos desejantes: fluxo de suor que leva todos os outros corpos a um certo instante de embriaguez e potencializa o desejo, o dilacerado dionisíaco ali está multiplicado em cada corpo. É movimentando que o corpo ganha vida. Desse modo, "Dançar é criar a imanência graças aos movimentos: é por isso que não há sentido fora do plano, fora da acção do bailarino" (GIL, 2001, pg.53).

O gogoboy produz movimentos e entra em devires, produzindo assim uma arte erótica ao ativar sua máquina desejante, através de gestos, masculinidades e virilidades. Cada dançarino cria para si a sua linha de fuga, a sua linha de feitiçaria. Há, ao dançar, um movimento ritmado que transporta o corpo, esse mesmo corpo que é meu suporte", diz José Gil. Desse modo, a dança tem o poder de transportar e transformar o próprio corpo. É a vida que se sente transportada para o deserto, para o caos, para o nada. O DJ como performer não deixa de ser este transformador e transportador de mundos. Transporta na medida em que leva alguém para um outro lugar e transforma na medida em que transfigura e provoca o transe. É a sensação de estar lá e cá, se sentindo num acolá, no mundo de Outrem, um mundo possível, mundo do delírio, do êxtase, que é o de ninguém e ao mesmo tempo de todos. A maneira como cada Gogo dança é um corpo construído culturalmente, pois teatraliza um *ethos* e uma visão de mundo. Seu corpo é colocado em destaque. Entre DJ e gogoboy existe uma sinergia assim como entre DJ e entre as pessoas da pista existe uma prodigiosa troca de signos. Tanto o corpo do DJ quando o do Gogoboy se transforma no som em potencial. O DJ é o som em potencial. Ele se realiza no devir-música. Diz Deleuze, "A cor está no corpo, a sensação está no corpo, e não no ar"(DELEUZE, 2007, pg.43). O Gogo e o DJ como figuras em movimento e que movimentam corpos. "o movimento vai principalmente da estrutura material, da grande superfície plana, para a Figura (...). Desde o início, a Figura é o corpo, e o corpo aparece no interior da área redonda" (DELEUZE, 2007, pg.23). Deleuze, ao falar da *Logica da sensação* em Bacon, argumenta que existe um corpo-figura onde as coisas acontecem, ou seja, o corpo-acontecimento é o corpo em movimento, em devir. "Agora, é no corpo que algo acontece: ele é fonte de movimento". Isso por que o corpo é feito no, para e pelo movimento. O corpo acontece no movimento. Afinal, quem é ele? O que ele de fato faz? Faz arte? Contra quem ele cria? Para quem ele cria? Como é visto o DJ? O que ele cria é arte? Que tipo de arte ele produz? De onde ele vem? O dj-figura é o próprio corpo afirmador e potencializador da vida. O dj sempre vive no deserto, pois é de lá que ele cria e recria a vida e faz a vida transbordar, transita entre o ser e o não-ser. O DJ é um ator e, como tal representa uma multiplicidade. Diz Rudolf Laban em seu *Domínio do Movimento:*

> Na música, um som sucede ao outro e o primeiro morre antes que seja ouvido o seguinte. As falas dos atores e os movimentos dos dançarinos estão todos num fluxo dinâmico contínuo, interrompido apenas por pausas breves, até que finalmente cesse de todo ao terminar o espetáculo" (LABAN, 1978, pg.29)

Com isso, o Dj como o som em potencial, vive este momento de viver e morrer no ato de recriação musical. Como um ator, o DJ está, assim como um dançarino-gogo em um fluxo dinâmico, dramatizando e espetacularizando o corpo e a música. Se o Gogo joga com o corpo, a virilidade e a masculinidade, O DJ joga com a expressão musical fazendo uma espécie de curto circuito. Mas uma coisa é fato: o DJ só existe porque ele é um corpo, ele empresta seu corpo no ato de criação e permite que os corpos de fundem e forma, com isso, um corpo coletivo, um corpo múltiplo. A multidão excitada e em transe é o reflexo de seu espelho como arte-performer. É uma zona sonora que agita as massas, movimentando-as e levando-as ao delírio. O DJ é um agitador de massas e provoca um turbilhão e turbulências. Diz-nos Maffesoli: "O trágico é impensável e devemos, no entanto pensá-lo. Saibamos que, como o vento, o espírito sopra onde quer. (MAFFESOLI, 2003, p.7). Ora, o DJ como uma figura trágica traz a figura emblemática do Dionísio no coração. Ele traz esse não dito ersurdecedor que que é experimentado e sentido junto; com este espírito trágico, o DJ é o nômade e rebelde e provoca efervescências múltiplas e afirma a presença na vida. O DJ eterniza o instante. Por isso o tempo é outro. Ele transfigura tempo e espaço e turbilhona os vivos. Ele é este vento, esse espírito que sopra todos onde ele quer. Ele é o controlador. Em seus lugar de destaque, é um semi deus. Ele coloca as pessoas em um tempo e um espaço que não é mais o deles. Aqui é a cultura do sentimento (o feeling) que está em jogo. O DJ precisa aprender a sentir esteticamente. Se envolver nessa estética das sensações, extrair os afectos das afecções, os perceptos das percepções.

O DJ, apesar de ser uma descoberta recente, creio que uma invenção de nosso século, ainda pouco ou quase nada se sabe sobre ele. O que se tem é que faz parte de uma tribo marginal, que vive na fronteira, que desestabiliza, provoca, fascina e inquieta ao mesmo tempo. O DJ é um corpo-música que entra numa certa sinergia e vibração, pois é dotado de sensibilidade para, a partir do que ouviu, lançar a flecha de uma outra maneira. Ele está em busca do novo, do inédito para afirmar o "aqui-agora", instaurar e fazer um crivo no caos. O DJ quando movimenta a pista através da música, tem o poder de multiplicar os corpos. O DJ é o animador da inteligência coletiva, o provocador do caos e da desordem. O que tem o poder de movimentar tudo e todos, transformando e transportando os corpos. É ele, o DJ, o turbilhonador dos vivos. Amoral por natureza, faz reluzir uma nova ética e uma nova estética de existência. Uma estética confusional, pois funde corpos, animando-os e colocando em movimento, em transe, transfigurando-os. O DJ como um ser de sensação arranca os afetos das afecções, os perceptos das percepções. É ele malandro, o trágico, o caótico, o que rouba a paz através da experimentação de um processo de subjetivação. O DJ cria um novo *topos*, um novo lugar, o "entre lugar", a liminaridade, a margem. A criação de cada sete é uma espécie de oração, pois carrega em si um complexo ritual elaborado no coração dos cinco sentidos. O DJ performer é subversivo, pois subverte a ordem. É transgressor, pois transgride a lei, a origem, a noção de *arché*, o princípio é torcido e vibrado de outra forma. Ele cria monstros nas costas de outros cantores e faz,

através da mixagem, da mistura, do hibridismo uma bricolagem. Domina uma certa técnica de fazer uma outra coisa. O deserto é o lugar predileto do DJ. Por isso ele é um nômade. O DJ, ao criar, luta com seus demônios, vai e volta ao inferno e rouba a paz, pois perturba as familiaridades do pensamento musical. O DJ é uma vida do "fora". Constrói, reconstrói e desconstrói. Essa tríade está diretamente relacionada à figura do DJ como performance musical. Trata-se de uma figura trágico-dionisíaca: multiplica corpos, desterritorializa-os: festivo, alegre, potencializador, caotizador e afirmador da vida e turbilhonador dos vivos. Ele tem o poder de encarnar as fissuras por onde vislumbramos temeroso, excitados, sádicos e masoquistamente a coisa no que ela é possível antes de destroçar. Cada Dj tem o poder de levar o corpo ao êxtase ou experiência- limite, pois o corpo quando volta, retorna em si, transfigurado, afetado por um bloco de sensações. O DJ territorializa, desterritorializa e reterritorializa corpos. Ao criar seus setes, ele sempre regressa com os tímpanos perfurados.

O DJ libera fluxos e desejos, leva o corpo ao grau zero, corpo sem órgãos na multidão a partir da cultura do sentimento que ele provoca. Ele, através da música provoca o desejo, arruína o descontrole, o delírio, enfim uma confluência de sensações. O que transporta e que transforma a pista. O desterritorializador, o nômade, o barulhento, o perverso, o caótico, o traidor, o trapaceiro, ele trai o que já existe. Experiência-arte, experiência inestética e múltiplos ritornelos. Ele é a um só tempo: o caótico, o nômade, o barulhento, o que torce o que já existe mixagem é diferença. Ou seja, ele inventa, de *invenire*, fazer reluzir, nascer o novo a traves da cultura do sentimento. Produto da subjetividade. Faz mundos possíveis surgir. Criar para ele e para a filosofia da diferença é pensar o impensado. Reinventar novas possibilidades de vida. O DJ é o que enraba, maldito, malvisto. Acionador da força. DJ é diferença pura. Sensibilidade, interatividade maquínica entre corpos. O DJ é um artista na medida em que empresta seu corpo, cria, intui, se envolve em sensações, em perceptos e afectos. O DJ como a diferença tem o poder de reinventar a vida sempre tomado por uma aura dionisíaca e transgressora ao mesmo tempo. Sob o signo da rebeldia, o DJ transita, é nômade, não aceita a clausura, o pronto e o acabado, mas se revela no descontentamento, no "a caminho" através da recriação. Cada sete carrega em si uma ética e uma estética que lhe é própria. Dai a noção de identidade e identificação que tem a ver com esse processo de criação do DJ. Cada um tem a sua identidade musical carregada de hibridismos e mixagens. O *feeling*, a sensibilidade e a cultura viva do sentimento fazem com que o DJ desfaça e desterritorializa. O DJ deve sempre ser sensível aos signos da música e aos signos do mundo. Ele capta e filtra o interesse do Outro. Essa alteridade é fundamental. É através do outro que o DJ vai buscar inspiração para criar sua maquinaria estética, visual, sonora e plástica. A sensibilidade ética e estética de ter o ouvido apurado e trocar signos violentos com a multidão. Estar na *vibe*. Cada sete é uma maneira de afirmar a vida. O que é o DJ se não um dionisíaco afirmador da vida? O que embaralha, o que cria caminhos possíveis? Talvez essa veia trágica de Nietzsche nos faça vislumbrar melhor essas figuras do caos:

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: desaprendeu de andar e de falar, mas vai-se preparando para a ascensão. Seus gestos rítmicos revelam uma beatitude de encantamento (NIETZSCHE, 2004, pg. 24).

É a partir desse tom que Nietzsche une arte e vida. O trágico está nessa reconciliação entre os duplos impulsos da natureza: Apolo e Dioniso. O homem deixou de ser artista para ser obra de arte. O Gogoboy não deixa de ser uma obra de arte. O DJ é pura obra de arte pois tem a intuição pela vida. Se para Deleuze e Guattari a Filosofia é uma arte de criar e fabricar conceitos, para o DJ, sua vida está nesse intervalo caótico pois ele cria, fabrica, inventa e reinventa pelo demônio da criação. Ele não faz ou desfaz música, mas ele é música em potencial. Seu apelo é sempre ao movimento. Tal como pretendeu Balandier, a desordem e o movimento são seus desafios e seus maiores demônios, seja na pista, seja no seu solilóquio construindo seus sets. "O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos" (DELEUZE-GUATTARI, 1992, pg. 193). A partir daí podemos pensar que o DJ é um ser de sensação. O DJ artista cria blocos de perceptos.

A obra de arte é um ser de sensação. A questão a saber se as drogas ajudam o artista a criar esses seres de sensação, se fazem parte dos meios interiores, se nos conduzem realmente a porta da percepção". É neste sentido que o que fica é um bloco de sensações, de afectos e perceptos. O DJ, assim como um escritor, torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a fende-a, para arrancar o percepto das percepções, os afectos das afecções (DELEUZE-GUATTARI, 1992, pg. 208). O DJ como artista e performer musical, é um ser de sensação, afirmador e instaurador da potência do caos, pois o DJ, além de ser uma figura trágica, está para além do bem e do mal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Francis Bacon: a Lógica da sensação**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007.

DELEUZE, Gilles – GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia.** Trad. de Bento Prado Júnior- Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infame**. In: Estratégia, Poder-saber. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. - 2 ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

---. **Microfísica do poder**; organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

GIL, José. **Movimento total: o corpo e a dança**. Relógio d' agua, Antropos, Lisboa, 2001.

GUATTARI. Félix. **Caosmose: o novo paradigma estético;** tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento.** Trad. de Anna Maria Barros. - 5ª ed. – São Paulo: Summus, 1978.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** Tradução de Rogério de Almeida. - São Paulo: Zouk, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2006.

--- **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e a dúvida de cezanne**. Trad. de Paulo neves e Maria Galvão Gomes Pereira. - São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NIETZSCHE, F. **A Origem da tragédia**. Tradução de Joaquim José de Faria. 5ª ed.—São Paulo: Centauro, 2004.

SOBRE O AUTOR:

Pós - doutor em Performances Culturais. Doutor pela UFRGS. Professor Adjunto II em Filosofia na UnB, Professor do Mestrado em Performances Culturais da UFG/EMAC, Mestre em Letras pela UFSC, Mestre em Educação pela UFSC. Bacharel em Filosofia pela UFSC, Graduação em Letras pela PUC/GO.